Laura Bellini



Entre as Dobras da Sua Camisa

O que existe entre eles não está à venda

Entre as Dobras da Sua Camisa

O que existe entre eles não está à venda

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901748

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - As Condições da Proximidade..... 12
Capítulo 2 - Coisas que Não Podem Ser Assinadas..... 23
Capítulo 3 - Onde o Papel se Rompe 35
Capítulo 4 - Do Outro Lado da Mesa 47
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 60
Capítulo 6 - À Distância de uma Respiração 71
Capítulo 7 - O Que Não Dissemos 82
Capítulo 8 - A Luz Depois que o Ateliê Fecha 93
Capítulo 9 - O Risco Escondido nas Costuras..... 105
Capítulo 10 - Quando Só Resta a Verdade 117
Capítulo 11 - Uma Manhã Sem Armadura 128
Capítulo 12 - O Preço das Meias-Verdades 140
Capítulo 13 - Nem Tudo Pode Ser Salvo 150
Capítulo 14 - A Verdade Entre Nós..... 160
Capítulo 15 - A Assinatura Que Eu Não Tinha Visto 170
Capítulo 16 - O Vazio Que Você Deixou 182
Capítulo 17 - O Que Continua Sendo Meu 192
Capítulo 18 - O Custo de Recuperar 202
Capítulo 19 - O Preço da Liberdade..... 213
Capítulo 20 - A Luz Que Permanece Entre Nós 225

INTRO

A primeira coisa que notei foi o meu tecido sob os dedos de um estranho.

Eu não reconheci o homem que estava junto à mesa de exposição mais comprida. Ele vestia uma camisa clara de linho, com as mangas dobradas, e mantinha a mão sobre uma amostra que ninguém além de mim deveria tocar ainda. Não puxava o tecido nem o manuseava de maneira distraída. Pelo contrário, segurava a borda entre o polegar e o indicador, como se tentasse decifrar alguma coisa que eu não havia registrado na documentação.

Parei na entrada da sala de exposições do Centro de Arte de Toruń e contei até três.

Geralmente, isso bastava.

Dessa vez, não.

— Com licença, mas essa peça não pode ser tocada.

O homem ergueu a cabeça. Não parecia alguém que tivesse sido flagrado fazendo algo errado. Parecia mais uma pessoa cuja conversa interessante havia sido interrompida, embora seu único interlocutor fosse um pedaço de linho antigo.

— Eu sei — respondeu.

— Então por que está tocando nele?

— Porque alguém identificou a direção das fibras de maneira incorreta.

Olhei para a amostra e depois para ele.

— Alguém?

— A pessoa que preparou a descrição.

— Ou seja, eu.

Seu olhar desceu até o crachá preso ao meu blazer.

— Aurelia Kędra.

Ele pronunciou meu sobrenome com calma, quase com atenção. Como se estivesse verificando se aquele nome correspondia ao que havia encontrado sobre a mesa.

— E o senhor é?

— Feliks Soból. Encadernador.

O sobrenome imediatamente me fez lembrar da mensagem que eu havia recebido três dias antes da curadora da exposição. Especialista em encadernações tradicionais, trinta e cinco anos, ateliê próprio, excelentes recomendações. Ele deveria examinar meus projetos e depois ajudar a preparar uma coleção conjunta de encadernações de livros feitas com tecidos recuperados.

Eu não esperava que começasse questionando meu trabalho.

— Isso não é um erro — expliquei. — O tecido foi girado de propósito. Dessa maneira, aproveito as marcas das costuras anteriores.

Feliks voltou a observar a amostra.

— Nesse caso, a senhora está descrevendo a história do tecido, não a direção em que ele reage à tensão.

Não respondi imediatamente.

Não porque me faltassem argumentos. Simplesmente porque ele tinha razão, e eu detestava descobrir isso antes do primeiro café.

Aproximei-me da mesa, deixei o tubo com os desenhos de lado e tirei um lápis do bolso. No verso da etiqueta de

papel-cartão, acrescentei uma frase. Feliks afastou a mão para me dar espaço, embora eu não tivesse pedido. Ele cheirava a sabonete, papel e alguma coisa discretamente amadeirada. Estava perto o suficiente para que eu percebesse uma costura irregular no punho de sua camisa. Alguém a havia consertado à mão, com cuidado, mas sem qualquer intenção de esconder o reparo.

Gostei daquilo mais do que gostaria de admitir.

— Melhor agora? — perguntei.

Ele leu a descrição corrigida.

— Muito.

— Não se acostume a me corrigir.

Um pequeno sorriso surgiu em seu rosto.

— E a senhora não se acostume a achar que eu sempre estarei errado.

Fui a primeira a desviar o olhar.

Eu tinha trinta anos e decepções profissionais suficientes para saber que um homem interessante não era necessariamente um bom parceiro de trabalho. Principalmente quando conseguia me desarmar com uma única frase tranquila logo no primeiro encontro.

Aquela exposição não era apenas mais um trabalho para mim. Durante os oito meses anteriores, eu havia reunido tecidos de oficinas de costura que estavam fechando, armários de família e pequenas manufaturas. Cada fragmento tinha sua origem documentada. Cada mancha, remendo ou parte desgastada pertencia à história de alguém. Eu queria criar uma coleção que não tratasse o reaproveitamento como uma maneira barata de produzir peças com aparência moderna.

E, acima de tudo, queria preservar os direitos sobre meus próprios projetos.

Na segunda-feira, eu pretendia apresentar à curadora uma proposta para atuar de maneira independente, usando meu próprio nome. Já havia preparado uma estimativa de custos, uma lista de possíveis clientes e as condições de colaboração. Sem um investidor assumindo o controle das decisões. Sem um parceiro que apresentasse meu trabalho como se fosse uma visão dele.

Feliks Soból deveria executar as encadernações, não se tornar coproprietário da minha ideia.

— Está procurando alguma coisa? — perguntou.

Só então percebi que havia passado vários segundos remexendo o conteúdo da pasta sem nenhum objetivo claro.

— O contrato referente à exposição.

— Está perto da entrada. A curadora deixou os documentos para nós dois.

Olhei na direção de uma mesinha. De fato, havia uma pasta azul-marinho sobre ela. Na lombada, lia-se: "Coleção conjunta — materiais para aprovação".

Conjunta.

Uma palavra que, na minha profissão, podia significar tanto uma colaboração maravilhosa quanto o começo de mal-entendidos extremamente caros.

Fui até a mesinha e abri a pasta. Na primeira página, havia uma lista das peças expostas. Na segunda, o cronograma de preparação. A terceira continha uma proposta preliminar de apresentação da coleção a possíveis parceiros comerciais.

Esse ponto não fazia parte do que havíamos combinado.

— O senhor sabia disso? — perguntei, erguendo a folha.

Feliks se aproximou, mas parou do outro lado da mesinha.

— Da apresentação?

— Da possibilidade de vender o projeto antes do encerramento da exposição.

Ele leu o parágrafo que eu indicava. Por um breve instante, seu rosto permaneceu completamente imóvel.

— Eu sabia que os organizadores estavam conversando com empresas interessadas.

— Eu não autorizei a venda dos direitos.

— Isso ainda não é um contrato de venda.

— Mas é um convite para discutir essa possibilidade.

Fechei a pasta com um pouco mais de força do que pretendia. Feliks não tentou me acalmar. Em vez disso, afastou uma jarra de vidro que estava perigosamente próxima da borda da mesa.

— A senhora deveria pedir esclarecimentos antes de assinar qualquer coisa — disse.

— É exatamente o que pretendo fazer.

— Ótimo.

Aquela resposta simples me surpreendeu mais do que sua observação anterior sobre as fibras. Eu estava acostumada com homens que interpretavam minha determinação como uma provocação pessoal. Feliks não tentou mudar minha opinião. Apenas me observou com uma concentração que eu ainda não sabia interpretar.

— Não vai tentar me convencer de que estou exagerando?

— Ainda não conheço todas as condições.

— E se conhecesse?

— Eu diria o que penso a respeito delas.

— Mesmo que eu não gostasse de ouvir?

— Principalmente nesse caso.

Eu deveria tê-lo considerado insuportável.

Em vez disso, senti uma vontade perigosamente intensa de descobrir como ele ficava quando perdia aquela compostura.

Do lado de fora das janelas altas, as nuvens deslizavam pelo céu. A luz do outono caía sobre as amostras de linho, algodão e seda, revelando irregularidades que nenhuma fotografia seria capaz de mostrar. Feliks voltou à mesa e virou cuidadosamente um dos tecidos azuis.

— Esse pedaço já foi uma camisa? — perguntou.

— Sim. Masculina. Dos anos oitenta.

— Não sobrou muita coisa dela.

— O suficiente para contar uma história nova.

Ele tocou a marca deixada por um antigo botão e depois olhou para mim.

— Nem tudo o que resta de uma pessoa precisa ser transformado imediatamente em outra coisa.

Havia algo em sua voz que eu ainda não tinha ouvido. Uma nota discreta, desprovida daquela segurança profissional.

— Às vezes, é justamente por isso que vale a pena — respondi. — Para que alguma coisa possa continuar tendo importância.

Por um momento, ficamos nos olhando por cima do tecido estendido. Eu não sabia se havia compreendido

corretamente o que ele queria dizer. Mesmo assim, tive a impressão de que aquela conversa já não dizia respeito apenas às encadernações.

O celular de Feliks vibrou sobre a mesa. A tela se iluminou por um segundo. Consegui enxergar apenas o início de uma mensagem: "Sobre os direitos transferidos...".

Ele virou o aparelho com a tela para baixo.

Não fiz nenhum comentário. Não tinha motivo para me interessar por suas mensagens e, ainda assim, guardei aquelas quatro palavras na memória.

— Preciso fazer uma ligação — disse ele. — Volto em alguns minutos.

Assenti.

Ao chegar à porta, ele parou e olhou por cima do ombro.

— Senhora Aurelia?

— Sim?

— Por favor, não assine essa proposta hoje.

— Por quê?

Ele hesitou, como se estivesse avaliando várias respostas possíveis.

— Porque primeiro precisamos esclarecer o que realmente pertence a cada um de nós.

Saiu antes que eu pudesse perguntar por que havia dito "precisamos".

Fiquei sozinha naquela sala repleta de tecidos, documentos e planos que, apenas uma hora antes, pareciam perfeitamente seguros. Passei os dedos pelo linho azul. O material era macio, quase quente, e uma marca de costura antiga percorria sua borda.

Pensei no punho da camisa de Feliks, consertado à mão.

Na atenção com que ele havia tocado meu trabalho.

E na mensagem que esconderá de mim ao virar o celular.

Mas o que mais me inquietava era outra coisa: quando voltei a ouvir seus passos no corredor, desejei que ele retornasse por um motivo que não tinha nada a ver com a exposição.

Eu seria capaz de deixar entrar na minha vida um homem de quem, desde o nosso primeiro encontro, já começava a suspeitar que estivesse escondendo a verdade?

Capítulo 1 - As Condições da Proximidade

Feliks voltou à sala de exposições com a expressão de alguém que havia encerrado uma conversa difícil, mas não obtido a resposta que esperava. Guardou o celular no bolso e passou alguns instantes observando os tecidos espalhados sobre a mesa. Não perguntei com quem havia falado. Éramos dois desconhecidos, e eu não pretendia começar nossa relação me intrometendo nos assuntos pessoais dele. Entretanto, tinha uma memória excelente para detalhes, principalmente aqueles que alguém tentava esconder. As palavras sobre os direitos transferidos continuavam na minha cabeça, embora o bom senso me dissesse que poderiam se referir a qualquer outro trabalho.

— Conversei com a curadora — disse ele. — Ela chegará em meia hora. Até lá, podemos descobrir se somos capazes de trabalhar juntos.

— Um excelente começo para uma parceria. O senhor já considera a possibilidade de fracassarmos antes mesmo de fazermos alguma coisa.

— Prefiro reconhecer essa possibilidade agora a descobri-la depois de gastar dinheiro.

Ele tirou da bolsa um pequeno objeto embrulhado em papel cinza. Quando abriu a embalagem, vi um livro do tamanho da palma da mão, encadernado em tecido de um verde discreto. A lombada era ligeiramente arredondada, os cantos tinham um acabamento cuidadoso e uma fina linha de bordado manual percorria a capa. Não parecia uma

amostra preparada para um cliente. Parecia algo feito pela necessidade de preservar alguma coisa importante.

— Essa é a sua proposta? — perguntei.

— É um exemplo das limitações sobre as quais precisamos conversar.

Ele abriu o livro. As páginas se acomodaram suavemente, sem aquele estalo desagradável da lombada. Eu conhecia artesãos suficientes para perceber a diferença entre um trabalho tecnicamente correto e uma verdadeira demonstração de habilidade. Feliks não precisava falar sobre suas competências. Eu tinha a prova delas diante dos olhos.

— Um trabalho lindo — admiti.

— Obrigado. Agora tente fechá-lo com uma mão só.

Fiz o que ele pediu. A capa ofereceu uma leve resistência.

— O tecido é rígido demais?

— Para essa estrutura, sim. Com um papelão mais grosso, o problema desapareceria, mas o livro perderia a leveza. Com um mais fino, a lombada se deformaria rapidamente. Por isso, não posso prometer que todos os tecidos escolhidos pela senhora serão adequados a qualquer tipo de encadernação.

Deixei o objeto sobre a mesa e peguei uma das minhas amostras.

— E eu não posso prometer que escolheria os materiais apenas pela conveniência de quem vai executar o trabalho. Isso destruiria todo o sentido do projeto.

— Não se trata de conveniência.

— Então se trata de quê?

— De honestidade com o objeto que queremos criar.

Fiquei em silêncio. Eu tinha uma resposta pronta, mas me contive antes de pronunciar a primeira palavra. Não havia condescendência na voz de Feliks. Ele falava sobre estrutura com a mesma seriedade com que eu falava sobre a origem dos tecidos. De repente, compreendi que não havia encontrado mais um profissional disposto a seguir minhas instruções. Havia encontrado um homem que também tinha sua própria visão e não pretendia abrir mão dela.

Isso complicava tudo.

— Vamos fazer um teste — propus. — Escolheremos três materiais. O senhor mostrará o que podemos produzir com eles sem destruir suas características. Eu decidirei se o resultado corresponde ao conceito.

— E se não concordarmos?

— Procuraremos um quarto material.

Ele sorriu.

— A senhora não gosta de perder.

— Não gosto de situações em que alguém chama minha rendição de compromisso.

Por alguns instantes, ele me observou sem dizer nada. Depois, deslizou o pequeno livro verde na minha direção.

— Nesse caso, encontramos nosso primeiro ponto em comum.

Eu não tinha certeza de que ele estava falando apenas de trabalho.

Espalhamos as amostras sobre a mesa comprida. Eu selecionava os fragmentos pela história, pelas cores e pelas

marcas de uso. Feliks examinava a trama, a elasticidade e o comportamento dos tecidos quando eram dobrados. De vez em quando, pedia que eu explicasse minhas escolhas, mas não fazia isso para questioná-las. Escutava e só depois apresentava suas próprias ressalvas. Surpreendentemente, encontramos um ritmo de trabalho em que nenhum de nós precisava fingir ser menos competente do que realmente era.

A amostra que exigiu mais tempo foi uma peça de algodão claro com um pequeno remendo quase invisível.

— De onde veio? — perguntou.

— De uma camisa que pertenceu a um homem que administrou um pequeno estúdio fotográfico durante quarenta anos. A filha dele me entregou algumas roupas depois que o estúdio fechou. Ela queria que fossem aproveitadas, mas não transformadas em objetos decorativos sem significado.

Feliks passou o dedo ao longo da costura.

— O remendo foi feito pelo lado de dentro.

— Sim. Aparentemente, o proprietário não queria que fosse visto.

— Ou talvez quisesse que a camisa continuasse bonita, mesmo sabendo que havia sido consertada.

Olhei para ele.

— Essa diferença é importante para o senhor?

— Muito. A primeira interpretação fala sobre esconder um dano. A segunda fala sobre cuidado.

Não respondi. Preferi não admitir que uma única frase havia mudado minha maneira de enxergar um tecido que eu conhecia havia vários meses.

Preparei um esboço inicial de encadernação em que o fragmento remendado ficaria próximo à lombada. Feliks se posicionou ao meu lado, mantendo uma distância confortável. Quando me inclinei sobre o desenho, percebi sua mão apoiada na mesa. Havia pequenas marcas de cortes, características de alguém que trabalhava diariamente com ferramentas afiadas. Ele não tentava esconder aquelas cicatrizes nem o punho irregular de sua própria camisa.

— Seu desenho é bonito — disse. — Mas, com essa disposição, o tecido ficará sujeito à tensão justamente no ponto do reparo.

— Eu sei.

— E, mesmo assim, a senhora desenhou dessa maneira?

— Queria descobrir se encontraria uma solução.

Ele virou a cabeça na minha direção.

— Está me testando?

— Naturalmente.

— Pelo menos é sincera.

— Na maioria das vezes.

As últimas palavras soaram diferentes do que eu pretendia. Feliks ergueu discretamente as sobrancelhas, mas não aproveitou a oportunidade para continuar o flerte. Em vez disso, pegou um lápis e desenhou uma segunda alternativa, na qual a costura se tornava parte da estrutura, e não o ponto fraco da encadernação.

Observei seu trabalho com um interesse cada vez maior. Ele tinha mãos firmes e uma paciência extraordinária para os detalhes. Não modificava meu projeto para transformá-lo em algo exclusivamente seu. Desenvolvia uma ideia que já existia.

— Isso pode funcionar — comentei.

— Pode?

— Não espere elogios antes de produzir o protótipo.

— Nesse caso, terei que merecê-los.

Nossa conversa foi interrompida pela chegada de Hanna Radecka, a curadora da exposição. Hanna era uma mulher enérgica, de cabelos grisalhos e curtos, que tinha o hábito de passar diretamente dos cumprimentos aos assuntos organizacionais. Ela nos saudou e colocou sobre a mesa um tablet com o cronograma dos eventos.

— Estou vendo que vocês ainda não se mataram. É um bom sinal.

— Ainda estamos discutindo as condições — respondi.

— Foi justamente por isso que vim. A direção do centro aprovou a apresentação da coleção para o final do próximo mês. Queremos mostrar seis encadernações prontas, a documentação dos materiais e o processo de criação do projeto.

— Seis? — Feliks afastou o desenho. — Inicialmente, havíamos falado em quatro.

— Conseguimos um espaço maior. É uma boa notícia.

— Boa para os organizadores — observei. — Para nós, significa trabalho adicional.

Hanna suspirou.

— Aurelia, sei que você gosta de ter tudo registrado. Vamos acertar os detalhes.

— É justamente agora que eu gostaria de acertá-los. Os documentos mencionam uma apresentação comercial. Isso não fazia parte do que havíamos combinado anteriormente.

A curadora olhou para Feliks e depois voltou a atenção para mim.

— Algumas empresas ligadas ao design e ao artesanato demonstraram interesse. Queremos apenas facilitar as conversas.

— Quem poderá apresentar o projeto como sendo seu?

— Vocês dois, naturalmente.

— E quem terá autorização para negociar sua utilização?

Hanna deixou o tablet sobre a mesa.

— Isso vocês terão que decidir entre si. O centro não pretende assumir os direitos de vocês.

— Nesse caso, peço que retirem dos materiais a expressão sobre a possibilidade de disponibilizar a coleção a parceiros externos até que um acordo específico seja assinado.

Seguiu-se um silêncio. Feliks observava a folha que eu havia colocado anteriormente ao lado das amostras. Não tomou o partido de Hanna, mas também não me apoiou imediatamente.

— Isso é razoável — disse, por fim. — Não devemos apresentar algo como disponível enquanto não tivermos definido a extensão dos direitos.

A curadora assentiu, embora evidentemente não estivesse satisfeita.

— Muito bem. Vamos alterar a redação. Mas preciso de um acordo preliminar entre vocês até segunda-feira.

— Prepararei uma proposta — respondi.

— Juntos — corrigiu Feliks.

Olhei para ele.

— Como?

— Se o documento vai definir nossas obrigações, quero participar de sua elaboração.

— Eu pretendia enviar uma versão para que o senhor apresentasse suas observações.

— Prefiro conversar antes que a senhora dedique várias horas a alguma coisa que talvez precise ser modificada.

Hanna alternava o olhar entre nós. Finalmente, sorriu com evidente alívio.

— Ótimo. Vejo que vão conseguir resolver isso sem mim.

Quando ela saiu, a sala pareceu ficar muito mais silenciosa. Do lado de fora, começava a chover, e a luz suave se espalhava pelas paredes claras. Feliks fechou o caderno de anotações e afastou a cadeira.

— Existe uma coisa sobre a qual precisamos conversar antes de começar a escrever o acordo — disse.

— Tenho a impressão de que estamos fazendo exatamente isso há uma hora.

— Não estou falando de dinheiro nem de prazos.

Sua seriedade me fez parar de organizar as amostras.

— Então está falando de quê?

— Da maneira como tomaremos as decisões. Não quero ser apenas o homem que executa seus desenhos. Sei que a senhora tem um conceito próprio e não pretendo me apropriar dele. Mas, se vou colocar meu nome numa encadernação, preciso ter influência sobre sua estrutura e o direito de recusar a execução de algo que considero pouco durável.

— Entendo.

— Não tenho tanta certeza.

— Por quê?

— Porque ouço a senhora dizer que entende, mas, ao mesmo tempo, percebo que já está preparando uma resposta.

Por um instante, tive vontade de negar. Infelizmente, eu realmente estava organizando meus argumentos mentalmente. Em vez disso, apoiei as mãos na borda da mesa.

— Muito bem. Vou ser sincera. Tenho medo de que, se entregar parte das decisões a alguém, acabe ouvindo que o projeto já não é mais meu.

Feliks não respondeu imediatamente.

— E eu tenho medo de aceitar um trabalho em que meu nome não passe de uma assinatura sob a responsabilidade de outra pessoa.

Foi a primeira vez que sua compostura me pareceu algo além de uma característica de personalidade. Ele falava como alguém que conhecia o preço de concessões anteriores.

— Então nós dois temos motivos para ser cautelosos — concluí.

— Sim. Mas cautela não deveria significar falta de confiança na competência do outro.

Reconheci que ele tinha razão, embora isso me custasse mais do que eu queria demonstrar. Decidimos que a escolha dos tecidos, sua procedência e a maneira de apresentar suas histórias ficariam sob minha responsabilidade. Feliks cuidaria das soluções de encadernação, da segurança estrutural e da durabilidade das peças. As decisões que

afetassem a aparência de toda a coleção seriam aprovadas em conjunto. Nenhum de nós teria o direito de encaminhar o projeto para produção por conta própria nem de apresentar propostas em nome do outro.

Quando terminei de registrar o último ponto, Feliks me observou com evidente interesse.

— A senhora acabou de criar regras de colaboração nas quais cada um de nós tem a possibilidade de dizer "não".

— Isso parece bom.

— Muito bom. Principalmente se formos capazes de respeitar esse direito.

Fechei o caderno. Já era o final da tarde, e eu havia tomado apenas meia xícara de café desde a manhã. Feliks percebeu meu olhar na direção da caneca vazia.

— A senhora comeu alguma coisa de verdade hoje?

— Essa é uma pergunta profissional?

— Não. Simples curiosidade.

— Nesse caso, a resposta é: muito pouco.

— Há um lugar aqui perto que prepara bons sanduíches. Posso mostrar onde fica.

— Está tentando encerrar nossas negociações com comida?

— Se eu estivesse tentando suborná-la, escolheria alguma coisa mais cara.

Soltei uma risada antes que pudesse me controlar.

O que me surpreendeu não foi a piada em si, mas o fato de ele não esperar nenhuma recompensa por ela. Não se aproximou, não aproveitou meu divertimento para fazer outro comentário. Apenas aguardou minha resposta.

— Hoje não posso — falei. — Ainda preciso organizar a documentação.

— Entendo.

Ele pegou a bolsa e começou a reunir suas coisas, sem demonstrar decepção. Foi então que percebi que realmente havia aceitado minha recusa sem tentar negociar. Aquela cortesia tão simples se revelou inesperadamente atraente.

— Mas amanhã podemos conversar sobre o contrato — acrescentei. — Tomando um café. Fora do centro.

Feliks me observou atentamente.

— É uma proposta profissional?

— Para começar.

Seu sorriso surgiu devagar, quase imperceptível.

— Nesse caso, amanhã. Às onze?

— Perfeito.

Enquanto o acompanhava com os olhos até a porta, percebi que, pela primeira vez em muito tempo, não pensava exclusivamente em como proteger meu trabalho. Também me perguntava o que mais poderia descobrir sobre um homem que era capaz de discordar de mim sem tentar tirar minha voz.

Sobre a mesa estava o desenho que ele havia feito da encadernação com a costura aparente. Escrevi duas palavras logo abaixo:

"Construção conjunta".

Pareciam inocentes.

Eu ainda não fazia ideia de quantos significados poderiam carregar.

Capítulo 2 - Coisas que Não Podem Ser Assinadas

Na manhã seguinte, cheguei à cafeteria dez minutos antes do horário combinado. Fiz isso de propósito. Precisava de alguns instantes para organizar meus pensamentos antes que Feliks começasse novamente a fazer perguntas às quais eu não conseguia responder com indiferença. Escolhi uma mesa perto da janela, com vista para o calçamento molhado de uma das ruas estreitas do centro histórico de Toruń. Coloquei a pasta com a proposta de acordo sobre a cadeira ao lado e virei o celular com a tela para baixo. Queria manter o caráter profissional daquele encontro, mesmo que, no dia anterior, tivesse passado tempo demais imaginando como Feliks ficaria se sorrisse de verdade, com toda a espontaneidade.

Ele chegou pontualmente. Vestia um casaco escuro, sob o qual consegui distinguir outra camisa de linho, dessa vez em um tom de cinza quente. Em uma das mãos carregava uma pasta fina; na outra, um pequeno embrulho de papel.

— Bom dia — disse, parando ao lado da mesa. — Este lugar está livre?

— Depende. O senhor trouxe mais argumentos contra meus projetos?

— Apenas três.

— Nesse caso, pode se sentar. Quatro seriam inaceitáveis.

Ele tirou o casaco, e percebi que o punho da camisa havia sido cerzido com uma linha mais escura. Não era a mesma costura do dia anterior. Por alguns instantes, fiquei

imaginando quantas peças de roupa ele conservava por mais tempo do que outras pessoas considerariam razoável. Havia nele uma coerência, quase uma teimosia, que eu começava a reconhecer nos pequenos gestos.

— Para a senhora — disse, deslizando o embrulho na minha direção.

Abri o papel. Dentro havia um pequeno caderno encadernado em algodão claro. O tecido apresentava uma textura delicada, e uma costura manual simples aparecia na lombada.

— Não posso aceitar presentes antes de assinarmos um contrato — falei, embora não tivesse largado o caderno.

— É uma amostra técnica. A senhora pode destruí-la durante os testes.

— Uma maneira muito romântica de descrever um presente.

Só percebi o que havia dito quando Feliks levantou os olhos.

— Eu não usei essa palavra.

— Eu também não pretendia usá-la.

— Então vamos admitir que nós dois somos capazes de dizer alguma coisa sem planejar.

Passei o polegar pela lombada do caderno. A encadernação era macia, mas mantinha a forma. Abri-o no meio. As páginas ficaram quase completamente planas.

— Como conseguiu fazer isso?

Feliks tirou dois pequenos desenhos da pasta.

— Mudei a maneira de prender o tecido à lombada. Assim, o material não recebe toda a tensão. Ontem a